

Diversão & Arte

ARTE VENCER O ABANDONO

» NAHIMA MACIEL

A produtora Dayse Hansa sempre gostou de caminhar pela cidade, de andar de bicicleta e de se deslocar a pé, mas nunca se sentiu confortável e segura ao atravessar as passagens subterrâneas que cruzam o Eixão. Como ela, a maioria dos pedestres da cidade não arrisca o combo de terror que ronda esses espaços, como assaltos e estupros. Mas Dayse também sempre se perguntou se seria possível vencer o abandono das passagens com arte. Há três anos, ela começou a trabalhar em um projeto no qual pudesse transformar esses locais, ainda que temporariamente, em espaços seguros e aprazíveis. Assim nasceu a ideia da Galeria Efêmera, que a produtora pretende colocar em prática no segundo semestre.

Produtora cultural há 20 anos e cogestora do Teatro Mapati, Dayse tem certa experiência na realização de projetos de ocupação urbana, como o caminhão palco do Mapati, que percorreu cinco regiões do país com peças apresentadas em ruas e praças. "Percebi uma onda, nos últimos 10 anos, de ocupação de espaços urbanos com intervenções artísticas. O termo acadêmico é requalificação. São espaços que existem e coabitam com outras funções. E muitos coletivos artísticos vêm fazendo isso com maestria", diz a produtora. Ela aponta experiências como a do baixo Augusta, em São Paulo, e as linhas férreas de Nova York, transformadas em espaços para caminhada. "Então pensei: vou começar a fazer alguns eventos nas passagens. E comecei a fazer feirinhas, mercados de pulgas. Assim, foi nascendo essa ideia do projeto da galeria urbana", conta.

Dayse tem um protótipo para transformar a passagem subterrânea da 205/206 Norte. "Essa quadra é considerada a Babilônia, é uma quadra muito interessante para ocupar com arte e cultura", explica. O projeto foi pensado para uma duração de dois anos e inclui pesquisa qualitativa e quantitativa com moradores dos arredores e comerciantes, assim como transeuntes, para se ter uma ideia dos usos e expectativas relativos ao local. "Durante uns dois, três meses antes da implantação da galeria, vamos observar e, no curso do projeto, vamos registrar as percepções", avisa Dayse. "A gente quer fazer esse acompanhamento para provar que, no fim da ocupação, conseguimos mudar uma realidade ruim e entregar um espaço requalificado, com mais um espaço de arte e democrático de acesso a todas as pessoas."

A ideia inicial é transformar a passagem em uma galeria para expor obras de artistas da cidade, assim como realizar eventos, shows e feirinhas. O projeto tem uma estrutura provisória nas paredes para fixar as obras e áreas de convivência para o público. Também está previsto um esquema de segurança e um circuito educativo. A intenção é que as exposições sejam coletivas e ocorram de dois em dois meses. Dayse quer a galeria funcionando durante 24 horas por dia e não descarta ocupações com outras linguagens artísticas. A implantação do projeto está estimada em R\$ 1,6 milhão, sendo que um quarto do valor total foi captado. A produtora conta com emendas parlamentares e apoio da Secretaria de Cultura para realizar o projeto.

Para além de obras

Ao longo dos 14 quilômetros do Eixão, há 18 passagens subterrâneas. Na zona central da cidade, a utilização é mais intensa, o que as torna mais seguras, mas não apaga problemas como o mau cheiro e o uso por pessoas em situação de vulnerabilidade social. Em 2012, o Governo do Distrito Federal (GDF) fez um movimento

de reforma e limpeza diária da passagem mais movimentada, a que liga o Hospital de Base ao Banco Central, mas o projeto não foi adiante.

O arquiteto e urbanista Thiago de Andrade, que foi secretário de Gestão do Território e Habitação e consultor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), explica que a situação institucional das passagens subterrâneas de Brasília é complexa. "Elas não são de ninguém", diz. "O GDF não sabe dizer quem é responsável. Não são do DER, que cuida do Eixão, não são do Detran, que cuida dos eixinhos, nem das administrações regionais. Então não têm locus orçamentário, de responsabilização", explica.

Para ele, a utilidade das passagens não vai se resolver apenas com ocupações. "O que eu acho, e há um consenso entre urbanistas mais ligados ao direito à cidade e, principalmente, à mobilidade, é que a gente deveria tratar o Eixão como via urbana, e não como rodovia. E, para isso, fazer as passagens em níveis", defende. A proposta do arquiteto é uma

mudança na velocidade máxima da via e instalação de semáforos para que os transeuntes possam atravessar por cima e em segurança. "Um projeto como esse da galeria, que tenta ativar pela arte, acho maravilhoso, mas muito longe de resolver graves problemas", diz.

Criadora do Prêmio Transbrasil, que seleciona artistas contemporâneos da cidade, a arquiteta Virgínia Manfrinato lembra que um dos principais fatores para garantir a segurança urbana é a frequência da população. "Ter a população na rua, ocupando de fato os espaços", diz. "Nesse sentido, acredito que tornar os espaços das passagens subterrâneas mais atraentes pode ser uma forte contribuição. A incorporação da arte na cidade estabelece uma relação de pertencimento importantíssima para a população." Ela lembra ainda que a arte urbana é uma forma democrática de ampliar o conceito de pertencimento, de comunidade, de identidade. "Isso impacta no cuidado e na vitalidade dos espaços", acredita. "É

claro que a questão das passagens subterrâneas passa pela segurança, iluminação e limpeza, mas a arte pode contribuir para fortalecer esses espaços também como manifestações políticas e sociais."

Ela aponta que seria importante ainda que projetos como esse tivessem alcance na escala da cidade, para além do Plano Piloto. Afinal, segurança e qualidade de vida são demandas de toda a cidade.

A também arquiteta e urbanista Angelina Quaglia, da Parabolide Incubadora de Ideias, aponta que é preciso dar um propósito mais contínuo e melhorar a acessibilidade das passagens subterrâneas para que elas realmente sejam utilizadas com a função para a qual foram construídas. "A passagem como uso para arte seria interessante por um viés coletivo, vai ter um grupo de pessoas querendo visitar e, logicamente, vai ter mais pessoas, o que vai trazer segurança", repara, ao lembrar que um dos requisitos para a segurança é a intensa circulação de transeuntes. Locais movimentados são mais seguros que

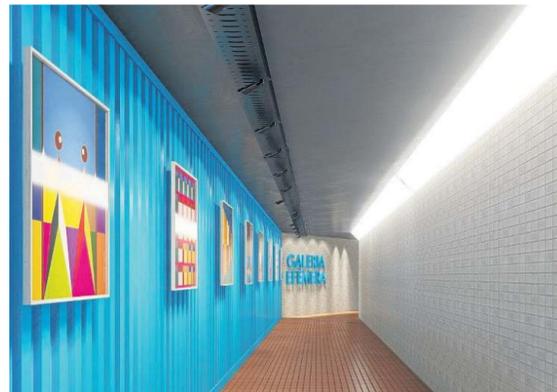
espaços ermos e vazios. "Mas galeria seria uma ação pontual. Seria muito complexo transformar em uma galeria contínua um espaço urbano", diz a arquiteta, que lembra a necessidade de segurança permanente, nesse caso.

Angelina acredita que o uso como galeria pode até inspirar outros projetos que ajudariam a manter a circulação nos espaços. "Seria lindo que cada passagem, por exemplo, fosse ocupada por um artista da cidade", sugere. "O que já acontece nas tesourinhas seria muito legal que também tivesse propostas de artes cênicas, de música. Como seria bonito, durante um mês ou dois, ver apresentações da orquestra sinfônica, corais. Que a gente pudesse fazer intervenções artísticas que não afetem o espaço. Mas isso são soluções temporárias. A solução de fato precisa observar que tipo de projeto traria acessibilidade e segurança. Tudo tem a ver com utopia e realidade, por que Brasília foi uma grande utopia e é uma realidade."

Foto:Dayse Hansa



Protótipos para transformar as passagens subterrâneas em Galeria Efêmera de arte



PROJETO GALERIA EFÊMERA PRETENDE LEVAR CULTURA, SHOWS E FEIRINHAS PARA PASSAGEM SUBTERRÂNEA DA ASA NORTE

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pezro Sargeon



@gurulino